

QUEM SÃO AS MEDIEVALISTAS BRASILEIRAS? UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM BASES DE DADOS PÚBLICOS E EM CONVERSAS DIRECIONADAS

WHO ARE THE BRAZILIAN WOMEN WHO STUDY MEDIEVAL HISTORY? A RESEARCH EXPERIENCE IN PUBLIC DATABASES AND TARGETED CONVERSATIONS

Marcella Lopes Guimarães

Universidade Federal do Paraná
marcella974@gmail.com

Daniel Iancóski Melo

Universidade Federal do Paraná
danielianmelo@gmail.com

Dilan Stenzel Toffoli

Universidade Federal do Paraná
dilantoffoli@gmail.com

Gustavo Henrique Braga

Universidade Federal do Paraná
gugahbraga@gmail.com

Israel Demétrio Corrêa

Universidade Federal do Paraná
gerenteisrael@gmail.com

Marcela Cristina Duarte Langer

Universidade Federal do Paraná
langer403@gmail.com

Resumo: A investigação intitulada “Quem são as medievalistas brasileiras? Uma experiência de pesquisa em bases de dados públicos e em conversas direcionadas” foi uma iniciativa desenvolvida em um laboratório de pesquisa brasileiro cadastrado junto ao CNPq. Inspirada na trilogia *As Historiadoras e o(s) gênero(s) e a escrita da história* (2022-2024), organizado por Diogo Roiz, Rebeca Gontijo e Tânia Zimmermann, a equipe de pesquisadores e pesquisadoras buscou responder a três questões: a. Quem são as medievalistas brasileiras? b. Onde estão? c. O que pesquisam? A pesquisa foi realizada ao longo de um semestre, em 2024, através do levantamento de dados em três bases

Abstract: The research entitled “Who are the Brazilian women who study medieval History? A research experience in public databases and in targeted conversations” was an initiative developed in a Brazilian research laboratory registered with the CNPq. Inspired by the trilogy *As Historiadoras e o(s) gênero(s) e a escrita da história* (2022-2024), organized by Diogo Roiz, Rebeca Gontijo and Tânia Zimmermann, the team of researchers sought to answer three questions: a. Who are the Brazilian women who study medieval History? b. Where are they? c. What do they study? The research was carried out over the course of a semester in 2024, by collecting data from three public

públicas, a saber: a lista de associados e associadas da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais) de 16 de julho de 2022; o diretório dos grupos de pesquisa do CNPq a partir de três expressões-chave e a plataforma Lattes. Essas bases deram origem e alimentaram uma grande planilha Excel. Além dessas três bases, foram realizadas seis conversas a partir de convites dirigidos, cujo aceite se fez de maneira espontânea. Essas conversas não foram gravadas, tiveram respostas transcritas e seu aproveitamento no texto foi submetido à aprovação do pesquisador e das pesquisadoras que concordaram em participar da pesquisa. A pesquisa propõe um entendimento do que é ser uma medievalista brasileira, revelou uma concentração regional de pesquisadoras, um conjunto de dezoito temas mais estudados pelas investigadoras e singularidades no percurso acadêmico das mulheres que decidiram estudar Idade Média no país, que passam pela História recente do Brasil e pelo machismo.

Palavras-chaves: Pesquisa, Medievalistas, Gênero.

databases, namely: the list of members of ABREM (Brazilian Association of Medieval Studies) dated July 16, 2022; the directory of CNPq research groups based on three key expressions; and the Lattes platform. These databases gave rise to and fed a large Excel spreadsheet. In addition to these three bases, six conversations were held based on targeted invitations, which were accepted spontaneously. These conversations were not recorded; their responses were transcribed and their use in the text was subject to approval by the researchers who agreed to participate in the investigation. The research proposes an understanding of what it means to be a Brazilian medievalist, revealed a regional concentration of researchers, a set of eighteen themes most studied by the researchers and singularities in the academic careers of women who decided to study the Middle Ages in the country, which include recent Brazilian history and misogyny.

Keywords: Research, Medievalists, Genre.

A vida no laboratório¹

Identificação, métodos e primeiros resultados

A investigação intitulada “Quem são as medievalistas brasileiras? Uma experiência de pesquisa em bases de dados públicos e em conversas direcionadas” é iniciativa de uma equipe que se voltou à pesquisa realizada por mulheres pesquisadoras acadêmicas que investigam no Brasil a Idade Média e foi realizada ao longo de um semestre, no ano de 2024.

A pesquisa na área de História Medieval no país tem sido objeto de interesse de pesquisadores e pesquisadoras nos últimos anos e os resultados, em forma de

¹ Esse título é emprestado de uma outra fonte de estudo e inspiração de nossa pesquisa coletiva. Trata-se da obra: LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Trad. Angela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997. Essa foi a obra foi intensamente debatida pelo grupo, para a compreensão do conceito de laboratório. Estudá-la foi essencial para que a equipe pudesse compreender os elementos que compõem uma investigação coletiva e para construirmos o percurso da pesquisa, com suas vitórias, resultados, hesitações e redirecionamentos.

balanços historiográficos, têm sido publicados em periódicos brasileiros e estrangeiros². Nossa equipe reconhece a importância desses balanços que apontam a consolidação do campo e as tendências contemporâneas da historiografia e colabora com esse conjunto, ao valorizar a atividade de pesquisa e trabalho realizada pelas pesquisadoras brasileiras de áreas diferentes que convergem para o estudo da Idade Média, levando-se em conta que “de modo geral, os processos da constituição disciplinar da História foram notoriamente excludentes em relação à participação feminina nos círculos historiográficos profissionais”³. Assim, nossa equipe formada por historiadoras e historiadores teve como hipótese geral a aferição do quadro para o campo interdisciplinar dos estudos medievais.

Maria Izilda Santos de Matos observa que, nos anos 80 do século XX, houve uma ampliação e diversificação de abordagens na historiografia, no que se refere à análise de aspectos diferenciados sobre as mulheres e uma das evidências desse fenômeno foi o interesse pelo mundo do trabalho. Esse interesse se viu beneficiado pelo desenvolvimento dos estudos da categoria gênero nos anos 90 do século XX e primeira década do século XXI⁴. A categoria contribuiu para “o questionamento do sujeito universal cedendo lugar a uma diversidade de protagonistas”⁵, daí a importância de nosso trabalho complementar aos balanços historiográficos dos

² Uma pequena mostra nos últimos vinte anos: VIEIRA, Yara Frateschi. Os estudos medievais no Brasil: peso (ou leveza) de uma tradição. In: Anais do VII ETEM (Encontro Internacional de Estudos Medievais). *Idade Média: permanência, atualização, residuidade*. 2007). Fortaleza/Rio de Janeiro: UFC/ABREM, 2009.; RUST, Leandro Duarte; BASTOS, Mário Jorge da Motta. *Translatio Studii*. A História Medieval no Brasil. *Signum*, v. 10, p. 163-188, 2008.; ASFORA, Wanessa Colares; AUBERT, Eduardo Henrik; CASTANHO, Gabriel de Carvalho Godoy. Faire l'histoire du Moyen Âge au Brésil: fondements, structures, développements. *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre* | BUCEMA, n. 12, p. 1-15, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cem/6602>. Acesso em: 24 fev. 2025.; MACEDO, José Rivair. Os estudos de história medieval no Brasil: tendências e perspectivas. *Notandum*, São Paulo/Porto, ano XII, n. 21, p. 95-104, 2009.; SILVEIRA, Aline Dias da. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. *Revista Brasileira de História*, v. 36, p. 39-59, 2016.; ALMEIDA, Néri B. Um destino em crise. A inserção social e institucional dos estudos de História Medieval. *Revista Chilena de Estudios Medievales*, n. 11, p. 92-114, 2017.

³ ROIZ, Diogo. GONTIJO, Rebeca, ZIMMERMANN (org.). *As Historiadoras brasileiras e o(s) gêneros(s) na escrita da História 1*. Pioneiras nos estudos históricos brasileiros. Campinas: Mercado de Letras, 2022. p. 11.

⁴ Matos, Maria Izilda de. Gênero: categoria/perspectivas e constituição do campo historiográfico. In TAMANINI, Marlene; BOSCHILIA, Roseli; SCHWENDLER, Sônia Fátima (org.). *Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade*. Curitiba: UFPR, 2017. p. 43; 47.

⁵ *Idem*, p. 51.

últimos vinte anos.

Ao se questionar, também nos anos oitenta, se era possível uma história das mulheres, Michelle Perrot chega à conclusão de forma simultânea: sim e não. Sim, pois havia uma maneira própria da perspectiva feminina de interrogar o passado. E não, já que não havia diferenças no método segundo o qual as perguntas feitas por mulheres eram elaboradas, ou a fonte analisada, e o objeto de pesquisa recortado. Indo além, Perrot também questionava o que impedia as mulheres de analisarem 'femininamente' uma temática considerada masculina⁶. Sendo assim, Margareth Rago expõe que a epistemologia feminista propõe uma área, um modelo de produção e a relação sujeito-objeto de conhecimento próprios, dando partida num projeto feminista de ciência,⁷ que foi o principal intuito da nossa pesquisa. Tratar sobre dados quantitativos a respeito da produção científica voltada para a História Medieval feita por mulheres brasileiras e, a partir disso, aprofundar-se nesses números para compreender os seus temas, suas perspectivas, ambições e colaboração científica na área. Retomando o texto basilar de Joan Scott, o nosso trabalho é consonante com uma história das mulheres que atende uma narrativa política, por não pretender imparcialidade e não compreender o campo da história como unitário⁸. Indo além de enxergar a História Medieval brasileira como um campo homogêneo, abriu-se a possibilidade de investigar suas especificidades, que a partir do protagonismo das mulheres na produção do conhecimento, torna-se possível temáticas tradicionais serem observadas sob um novo ângulo, podendo ser complementadas e reescritas⁹.

Inspirados e inspiradas na trilogia *O(s) gênero(s) e a escrita da história*,

⁶ RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e História. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar; RAGO, Margar *O(s) gênero(s) e a escrita da história*, organizado por Diogo Roiz, Rebeca Gontijo e Tânia Zimmermann⁶ (Campinas (SP): Mercado de Letras, 2022-2024)eth. *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 1998. p. 1.

⁷ *Ibid.*, p. 2.

⁸ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 67-73.

⁹ *Ibid.*, p. 76.

organizado por Diogo Roiz, Rebeca Gontijo e Tânia Zimmermann¹⁰, nossa equipe – e a partir desse momento, empregaremos a primeira pessoa do plural para o compartilhamento dos resultados – buscou responder a três questões:

- a) Quem são as medievalistas brasileiras?
- b) O que pesquisam?
- c) Onde estão?

Cinco foram as bases de levantamento de dados:

- d) A lista de associados da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais) de 16 de julho de 2022;
- e) O diretório dos grupos de pesquisa do CNPq a partir de três expressões-chave: “Idade Média”, “História Medieval” e “Estudos Medievais”, realizadas ao longo dos meses de março e maio de 2024. Destaque-se que não nos apegamos a uma área específica, como História, Letras, Filosofia, mas apenas às expressões mencionadas, o que nos garantiu a geração de dados interdisciplinares;
- f) A plataforma Lattes (os currículos Lattes), pesquisa realizada entre março e julho;
- g) Uma conversa realizada online com o presidente da ABREM, Prof. Dr. Geraldo Augusto Fernandes (UFC), em 18 de abril de 2024;
- h) Conversas com cinco medievalistas brasileiras, escolhidas segundo critérios que serão esclarecidos na sequência, e que responderam afirmativamente a nosso convite.

Ressaltamos que as conversas não foram gravadas e que as declarações transcritas aqui foram submetidas à aprovação de seu/suas autor/autoras. As três primeiras bases de levantamento de dados mencionadas acima geraram muitos elementos importantes que foram levados a uma planilha, mas a narrativa das pesquisadoras foi essencial, pela necessidade de conhecimento de sua intersubjetividade.

A tabela contemplou:

- a) o nome da pesquisadora (segundo o Lattes);
- b) a sua titulação: doutora, mestra, graduada;
- c) os grupos de pesquisa a que está ligada;
- d) o vínculo institucional, quer seja vínculo de trabalho, quer de estudo e pesquisa;
- e) se é associada ou não à ABREM;

¹⁰ ROIZ, Diogo; GONTIJO, Rebeca; ZIMMERMANN, Tânia (org.). *O(s) gênero(s) e a escrita da história*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2022-2024.

- f) temas de pesquisa, a partir dos textos de abertura dos Lattes;
- g) área de formação, se História, Filosofia, Letras etc.

Duas circunstâncias ainda merecem destaque: 1) parte da pesquisa foi desenvolvida pela equipe em período de greve de professores e professoras no Brasil. A equipe decidiu continuar sua investigação de forma remota, realizando encontros periódicos *online* para discussões; 2) as conversas com o presidente da ABREM e com as medievalistas foram realizadas no período de greve, antes, portanto, da construção de um dos instrumentos mais valiosos de nossa pesquisa: a planilha. Assim, a lista de associados e associadas da ABREM, as informações colhidas no diretório dos grupos de pesquisa do CNPq e os currículos acessados na plataforma lattes geraram a planilha, feita já em período de retomada das aulas e da presença física nas dependências do laboratório de pesquisa onde foi desenvolvida a investigação.

Entre os primeiros dados gerais levantados pela equipe, destacamos três:

1. Entre os associados da ABREM, há um número maior de homens (118), mas o número de mulheres (107) é bastante equilibrado;
2. Quando nos voltamos às lideranças dos grupos de pesquisa, encontramos também um equilíbrio: dos 44 grupos levantados pelas expressões-chave, temos 22 grupos liderados pelo menos por uma pesquisadora;
3. Levando-se em conta as três bases acima, chegamos ao número absoluto de 525 medievalistas em abril de 2024, sendo que: 456 mulheres são medievalistas participantes dos grupos de pesquisa e 107 associadas da ABREM. Desses números, 38 pesquisadoras estavam em ambos os grupos. Posteriormente, quando fizemos a leitura de todos os Lattes dessas pesquisadoras, o número caiu para 325 mulheres. Essa queda se deve, sobretudo, ao fato de que numerosas vezes mulheres não medievalistas integram, porém, grupos de estudos medievais. A pressão institucional, parcerias de longa data, parcerias ocasionais e a falta de atualização dos grupos por parte de seus líderes são algumas razões possíveis para a integração de mulheres não medievalistas em grupos de estudos medievais.

Desafios

Em *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*, de Bruno Latour e Steve Woolgar, os autores provocam: “É preciso, então, ultrapassar o discurso ordenado dos sábios para chegar às práticas e aos discursos desordenados e mais

interessantes dos pesquisadores”¹¹ em ciência. Mas para quê isso? Para que a rede de pesquisadores ou o público interessado colecionem um repertório de curiosidades? Não. Na verdade, trata-se de reinvestir o fato científico de seu contexto social e histórico, o que muitas vezes é eliminado quando o fato é reconhecido. Assim, a antropologia da ciência tem buscado recuperar os “discursos desordenados”, as hesitações e elementos que não são exatamente “científicos”, como instrumentos e financiamentos de pesquisa, dando-lhes importância na constituição do fato.

Desta forma, não como elemento “meramente” circunstancial, mas constitutivo do alcance e dos limites de nossa investigação, referimos acima o período de greve, as circunstâncias em que foram realizadas as conversas com o/as medievalistas e evocamos finalmente que nossa equipe previa uma quarta base de levantamento de dados: um formulário Google construído por nossa equipe e que foi objeto de grande reflexão em sala de aula, antes do período de greve. Refletimos a respeito da identificação da medievalista: a relação da pesquisadora com seus “objetos” de pesquisa faria com que ela se identificasse como medievalista? O que significa reconhecer-se como medievalista? Concluímos que era imprescindível que a pesquisadora se identificasse como tal. Nessa identificação, ela mesma afirmaria seu vínculo com a área de estudos medievais e declararia seus temas de investigação. Refletimos ainda sobre a importância de o formulário incluir o nome a partir do registro na plataforma Lattes e o nome social, além de gênero e vínculo institucional. Depois do formulário pronto, não conseguimos enviá-lo porque fomos informados e informadas de que teríamos de passar o instrumento pelo Comitê de Ética da universidade. Não teríamos tempo hábil de vivenciar as etapas do registro da investigação na disciplina de Laboratório. Essa informação figura aqui como evidência de uma etapa não cumprida para a constituição do fato científico, porque entendemos como Bruno Latour e Steve Woolgar que não é possível despojar os fatos científicos de seus contextos de produção. Mas é também um convite para a continuidade da investigação.

Em relação à lista de associados da ABREM, trata-se de um bom instrumento,

¹¹ LATOUR; WOOLGAR, *op. cit.*, p. 29.

mas contempla apenas os associados e as associadas à instituição. Uma simples busca junto ao diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq mostra que sobram medievalistas que não são associadas à ABREM.

A base do Diretório de Pesquisa do CNPq é muito ampla. Ela reúne todos os grupos de pesquisa cadastrados e agrega pesquisadores de diferentes níveis, desde a graduação, iniciação científica, passando pelo Mestrado e pelo Doutorado, no caso dos pesquisadores e das pesquisadoras discentes, e pesquisadores e pesquisadoras docentes de instituições de Ensino Superior no Brasil, públicas e privadas. De fato, é uma base ampla, mas eivada de inconsistências, mesmo levando em consideração os dados de grupos “atualizados”.

As inconsistências devem-se, sobretudo, à não atualização de participantes dos Grupos de Pesquisa. O mais grave: alunas e alunos que terminaram a Graduação e que não continuaram suas pesquisas na área de estudos medievais já há alguns anos – como seus *Lattes* demonstraram – continuam constando entre participantes de grupos “atualizados”. Então, depois de levantarmos todas as medievalistas participantes de grupos de pesquisa cadastrados, ativos e atualizados junto ao CNPq, tivemos de conferir os nomes nos currículos *Lattes* das pesquisadoras a fim de descobrir se continuaram a pesquisar na área. Essa etapa foi bastante árdua e revelou também novas inconsistências relacionadas à falta de atualização dos currículos. Conversamos sobre a possibilidade de eliminar as pesquisadoras que realizam suas pesquisas na Graduação, por causa da grande flutuação de interesses acadêmicos, mas, levando-se em consideração que parte da nossa equipe foi formada por pesquisadores da Graduação em História e que a experiência na Iniciação Científica é relevante na trajetória das medievalistas, a eliminação das graduandas seria uma decisão política e científica incoerente de nossa parte.

A pesquisa nas três bases revelou outros desafios, além do problema da falta de atualização dos participantes e dos currículos *Lattes*, tais como:

1. Inconsistência entre a lista de participantes dos grupos do diretório dos grupos de pesquisa do CNPq e a lista de participantes dos *sites* dos grupos, aos quais eventualmente também fizemos consulta;
2. As expressões que escolhemos para a pesquisa no diretório de grupos puxaram grupos de áreas que não tinham qualquer relação com História

- Medieval, o que exigiu outra filtragem mais precisa;
3. As expressões que escolhemos para a pesquisa deixaram de fora grupos que sabemos que existem, pois são grupos tradicionais no país;
 4. A ausência do link para o currículo *Lattes* das pesquisadoras participantes dos grupos gerou um trabalho suplementar de busca pelas medievalistas, a partir de seu nome. Esse problema se vê engrandecido com a ocorrência de homônimas;
 5. O preenchimento do espaço de egressos não está disseminado na atualização dos grupos. Talvez falte uma compreensão de quem são os egressos de um grupo de pesquisa;
 6. A mudança de área de interesse da pesquisadora, caso de alguém que realizou seu TCC (Trabalho de conclusão de curso) na área de estudos medievais, mas não prosseguiu seus estudos nessa área, significa que ela não se vê mais como medievalista?
 7. Na impossibilidade de usarmos o formulário que tínhamos preparado, a nossa equipe precisou identificar a medievalista e a nossa própria compreensão do que é ser uma medievalista foi negociada entre nós, em uma base interdisciplinar;
 8. Algumas participantes incluídas nos grupos de pesquisa não tiveram seus currículos *Lattes* encontrados por nós, então decidimos não as incluir na pesquisa;
 9. Identificação do pesquisador ou da pesquisadora com nome que pode ser usado por homens e mulheres, sem fotografia no *Lattes* ou autodeclaração de gênero;
 10. Falta de inserção do projeto de pesquisa nos *Lattes*;
 11. Presença de associadas junto à ABREM que não aparecem nos grupos de pesquisa do CNPq, que incluíram as palavras/expressões-chave que escolhemos.

Uma das surpresas de nosso grupo foi a participação de alunas e alunos do Ensino Médio em grupos de pesquisa do CNPq já envolvidos com a pesquisa na área de Estudos Medievais.

O ponto três, dos desafios apontados acima, nos fez pensar em dois problemas graves: a identificação dos grupos e o registro junto ao CNPq. Alguns grupos reputados que congregam pesquisas e pesquisadores ou não foram cadastrados no CNPq ou não escolheram entre suas palavras-chave “Idade Média”, “História Medieval” e “Estudos Medievais”. Em nossa análise, não incluir entre as palavras-chave dos grupos expressões elementares, como as que escolhemos, trabalha contra a identificação do grupo de pesquisa na área e, por consequência, invisibiliza os pesquisadores e as pesquisadoras que fazem a História Medieval no Brasil.

Conversas com medievalistas

Na impossibilidade de utilizar o formulário que havíamos criado e ainda antes da efetiva construção da planilha – que exigiria a presença física da equipe nas dependências do laboratório de pesquisa –, mas já inteirados das bases de dados e de alguns desafios que elas impunham a nós, resolvemos priorizar a narrativa das trajetórias e da intersubjetividade de pesquisadoras escolhidas. Resolvemos nos reportar primeiramente ao presidente da ABREM, Professor Doutor Geraldo Augusto Fernandes (UFC). A conversa com o professor aconteceu no dia 18 de abril de 2024, às 16 horas, por uma hora, em formato remoto, com a presença de todos os participantes discentes do laboratório, incluindo a professora responsável pela investigação. A equipe precisava entender um pouco a história da ABREM e a importância das mulheres pesquisadoras na associação.

A conversa partiu de cinco questões previamente elaboradas pelo grupo de pesquisadores e pesquisadoras e enviadas de forma antecipada ao professor. Elas versaram sobre o interesse particular do pesquisador pelo estudo da Idade Média, seus projetos de investigação até a participação das mulheres na ABREM¹². As trocas realizadas entre nós e o Prof. Geraldo Augusto Fernandes confirmaram a importância e o equilíbrio da participação das mulheres na ABREM. A formação do Prof. Geraldo também foi marcada por uma grande medievalista, a Profa. Dra. Lênia Márcia de Medeiros Mongelli (USP), uma das fundadoras da ABREM e que o orientou no Mestrado e no Doutorado. Em ambos os cursos, o Professor Geraldo trabalhou com o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (publicado em 1516), que segue sendo seu principal interesse de pesquisa em interlocuções acadêmicas, participações em congressos e realizações de artigos.

O Professor Geraldo realizou uma avaliação entre os anos iniciais da ABREM e o tempo presente e concluiu que, no início da história da associação, os pesquisadores da área de Letras eram predominantes e que agora são os da área de História. Também como balanço, o presidente da ABREM se ressentiu de uma queda

¹² Segundo o site da revista Signum: <<https://abrem.org.br/index.php/signum/about>>, a ABREM foi fundada no dia 22 de março de 1996 como entidade civil, sem fins lucrativos, com sede nacional no município em que estiver instalada a Diretoria. Acesso em: 24 out. 2024.

no interesse pelos estudos medievais, pelo menos na área de Letras, o que poderia explicar a menor presença de pesquisadores e pesquisadoras dessa área na associação, na atualidade.

A conversa com o Prof. Geraldo confirmou a necessidade de ouvir as mulheres e, dessa conversa, pensamos em critérios para a escolha das medievalistas. O processo de definição desses critérios seguiu alguns passos. Além da Profa. Lênia Márcia Mongelli, um nome que sobressaiu da conversa com o Prof. Geraldo foi o da Profa. Yara Frateschi Vieira, entre as fundadoras da ABREM. Como o Professor abordou bastante a atuação da Profa. Lênia, pensamos que ouvir a Profa. Yara completaria nosso entendimento. Ambas as pesquisadoras acumulam dois tipos de crédito entre as/os medievalistas, segundo o entendimento de Bruno Latour e Steve Woolgar em *A vida de laboratório: o crédito-reconhecimento* que se refere ao sistema de prêmios e reconhecimento entre os pares de uma obra científica e o crédito-credibilidade que se baseia na capacidade de fazer ciência ou de continuar a fazê-la¹³. Contudo, segundo a equipe, era preciso ouvir também pesquisadoras que ainda não acumularam esses créditos, ou seja, ouvir uma medievalista em um momento de construção inicial da carreira. Além disso, como na conversa com o Prof. Geraldo, sobressaiu a discussão entre áreas do conhecimento constitutivas da ABREM, pensamos que deveríamos ouvir pesquisadoras de gerações diferentes e de áreas diferentes, ou de formação interdisciplinar. Por fim, como entre os primeiros levantamentos junto aos grupos de pesquisa, encontramos temas que, em uma outra fase, haveríamos de chamar de “outros medievalismos”¹⁴, resolvemos ouvir o que seriam essas novas frentes. A realização da planilha haveria de aprofundar nosso entendimento posteriormente. Assim, chegamos a três critérios:

1. medievalistas de formação interdisciplinar;
2. medievalistas de gerações diferentes;
3. medievalistas de “outros medievalismos”.

Elaboramos conjuntamente quatro questões que seriam apresentadas a

¹³ LATOUR; WOOLGAR, *op. cit.*, p. 220.

¹⁴ Utilizamos a expressão “outros medievalismos” para nos referirmos às produções acadêmicas em que o objeto de pesquisa se encontra fora do tradicional recorte geográfico do ocidente latino.

todas as escolhidas e decidimos fazer uma ou duas questões levando em conta o perfil particular das investigadoras. As perguntas em comum foram:

1. Como o seu interesse pela Idade Média foi despertado?
2. Quais são ou foram as maiores dificuldades no estudo da Idade Média?
3. Qual é o sentido de se estudar Idade Média no Brasil?
4. Quais são suas grandes parceiras na área e quais são ou foram as maiores inspirações?

Nenhuma dessas perguntas sugeria *a priori* uma reflexão sobre gênero. Evitamos a formulação para deixar que a questão se revelasse espontaneamente na partilha das pesquisadoras. E ela se revelou.

O desafio seguinte foi chegar aos nomes. Para isso, foram acionados dois dispositivos: a consulta às três bases de levantamento de dados já referidas acima e a rede particular do laboratório de pesquisa em que a equipe desenvolveu a investigação. Sobre a rede do laboratório, sabíamos, a partir de Latour e Woolgar, que nossa leitura acerca da trajetória das medievalistas escolhidas teria um significado específico de acordo com o potencial da rede de nosso laboratório, ou seja, elas não representariam os estudos medievais feitos por mulheres no Brasil em bloco, mas compreenderiam as vozes da prática científica na sua heterogeneidade. Confiamos ainda no crédito credibilidade de nosso laboratório para realizar convites que precisavam ser aceitos de forma espontânea, na confiança – por parte das pesquisadoras – de que nossa investigação foi conduzida de forma ética, segundo metodologias elaboradas em equipe e sempre revisadas, e que os resultados seriam conferidos pelo grupo, coordenado por uma medievalista brasileira.

Pensamos a teoria do *Ator-Rede* de Bruno Latour como parte constitutiva dos desafios que enfrentamos em nosso laboratório, assim como dos resultados obtidos. Desenvolvemos nossa pesquisa a partir da rede de associações ao qual cada um de nós estava envolvido em determinadas dimensões, sejam elas institucionais, subjetivas, profissionais ou até mesmo em dimensões técnicas. Fomos inscritos na rede e nós mesmos nos inscrevemos nela, transformando os objetos e os sujeitos nela envolvidos. Trata-se de uma rede em que ocorrem cadeias de associações entre

seres humanos e não humanos, objetos e pessoas, ambas com seus agenciamentos¹⁵.

Assim, depois de alguns silêncios, as investigadoras que responderam afirmativamente a nosso convite para as conversas foram, em ordem alfabética a partir do prenome:

- Aline Dias da Silveira (formada em História, Doutora em História, Professora da UFSC)
- Ana Luiza Mendes (formada em Filosofia, em História e em Letras, Doutora em História, Professora da SEED-PR)
- Carmem Lúcia Druciak (formada em Letras, Doutora em História, Professora da UFBA)
- Umbelina Maria Galvão de Moura (formada em Filosofia, mestranda em Filosofia pela PUC-RS)
- Yara Frateschi Vieira (formada em Letras Clássicas, Doutora em Letras, Professora aposentada da UNICAMP)

Entre os interesses pela Idade Média, foi destacado o papel da leitura (literária e acadêmica) e de professores e professoras. Apenas a Profa. Carmem Druciak referiu uma origem diversa: o seu trabalho com tradução como um caminho para o interesse pelo estudo da Idade Média. Em relação às dificuldades, foi quase unânime a menção ao acesso a fontes e à bibliografia específica e atualizada, mas também foi mencionado o estudo do Latim, por duas pesquisadoras.

Destacamos dificuldades ligadas ao gênero, referidas por duas pesquisadoras. A Profa. Aline Silveira referiu duas situações: nos anos 90 do século XX, o machismo e o preconceito contra a área. A mestranda em Filosofia pela PUC-RS, Umbelina Marina Galvão de Moura, também declarou que, na época da graduação, chegou a ouvir comentários preconceituosos dos colegas sobre sua escolha de pesquisar a Idade Média na Filosofia, dando a entender que ela deveria seguir nas áreas de Contemporânea ou Antiga. Felizmente, a mestranda medievalista declarou que mesmo sem encontrar figuras femininas na docência durante a graduação e na pós, ela convive com colegas de mestrado que se tornaram suas parceiras acadêmicas, na escrita de artigos, apresentação de trabalhos e na

¹⁵ BATISTA, Cícera P.; CARVALHO, Paulo D. P. de. Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede. *Cronos: Revista da Pós-Grad. em Ciências Sociais*, UFRN, Natal, v. 22., n. 2, p. 121-126, jul./dez. 2021. p. 122.

discussão de seus temas de pesquisa no campo medieval.

Como afirmamos acima, tendo evitado propor uma questão específica sobre gênero para as pesquisadoras, o tema se revelou espontaneamente e ele se relacionou ao preconceito contra o estudo da Idade Média. Esse fato nos levou a refletir mais.

Em *Uma outra ciência é possível*, Isabelle Stengers afirma:

O que define a vocação científica, o que faz a fibra de um(a) verdadeiro(a) pesquisador(a)? Que se trata de uma de uma construção generificada é evidente, no sentido de que ela produz efeitos diretos de discriminação sobre a maioria das mulheres. Poderíamos dizer que se trata de uma carreira concebida para homens, ou mesmo para homens que se beneficiam do apoio daquelas que mantêm a casa, cuidam dos filhos, poupam-lhes das preocupações práticas, permitem-lhes passar noites em claro no laboratório e se ausentar devido aos vários estágios e deslocamentos ao exterior que fazem parte da carreira de um pesquisador¹⁶.

O trecho de Isabelle Stengers desvela o que era “natural” em uma carreira concebida por homens e se volta à expressão da Profa. Aline Silveira e da pesquisadora Umbelina Moura, ao desnudar também que todas as exigências para o “pesquisador de fibra” se beneficiam da rede de apoio feminina. Mas... e quando são as mulheres que, como filhas infiéis de Virgínia Woolf¹⁷, resolvem fazer carreira na universidade como pesquisadoras? Forçando a porta, elas invadem um espaço que não era “seu” e esse espaço é bem defendido...

Woolf aponta a pobreza histórica das mulheres como fator principal que impediu que ocupassem espaços acadêmicos. Sem a tradição secular masculina de cátedras e cerimônias, a classe das mulheres permaneceu dentro de suas casas, acumulando força criativa e escrevendo através de diários e cartas. Quando muito, publicavam sob pseudônimos, ou simplesmente como ‘Anônimo’. A posição de Stengers sobre se denominar uma filha infiel pode derivar da realidade de que as

¹⁶ STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível*. Manifesto por uma desaceleração das ciências. Trad. de Fernando Silva e Silva. 1a ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2023. p. 53.

¹⁷ Isabelle Stengers declarou ser uma filha infiel de Virgínia Wolf: Disponível em: <https://www.philomag.com/articles/isabelle-stengers-la-force-transformatrice-du-feminisme>. Acesso em: 25 set. 2025.

mulheres pesquisadoras permaneceram na posição de ‘gato sem rabo’, ou gato manês, apresentada por Woolf, e reforçada pela escritora Noemi Jaffe¹⁸.

Apesar de todo o avanço e conquistas históricas (direito ao voto, direito aos estudos e direito à propriedade) com o passar das décadas, a mulher cientista continua em situação de não-lugar, ou seja, numa posição marginalizada, através dos desafios sociais impostos – como ser mãe, esposa e dona de casa – enquanto também tenta manter a sua profissão. Woolf, em *Um teto todo seu*, ao escrever sobre o trabalho das mulheres e ficção, defende que às mulheres é necessário 500 libras ao ano e um quarto para poder se concentrar na escrita. Publicado em 1929, havia onze anos desde que haviam conquistado o direito ao voto pelo movimento do sufrágio, e ao passo que a escrita feminina passou a contemplar outros gêneros para além do romance do século XIX, os homens começaram a se fechar entre si, tornando a sua escrita, por sua vez, cada vez mais masculina, ou como colocou Woolf: “a virilidade se tornou consciente de si mesma”¹⁹.

Por isso, Jaffe questiona se, nos anos 2010, uma Maria da Silva, estudante universitária brasileira, continuaria a ver um gato sem rabo se a ela fosse pedido a mesma encomenda de Woolf, que escrevesse sobre a posição da mulher na escrita. A resposta dela foi afirmativa. A condição de filha infiel sugere ser para Stengers o que o gato sem rabo significa tanto para a autora inglesa, quanto para a escritora brasileira. A mulher cientista, e no caso da nossa pesquisa, a mulher medievalista, tende a pensar e pesquisar a história medieval a partir de uma perspectiva que, talvez, gere desinteresse aos homens, seja pela sua forma metodológica ou epistêmica. Não raro, ao entrar em temas tradicionalmente masculinos, como guerras, batalhas ou religião, a medievalista brasileira irá acrescentar questões não tratadas pelos homens, possibilitadas pelas suas circunstâncias históricas e sociais. Dessa maneira, criando uma nova história medieval e expandindo velhos conceitos, como defendido por Perrot, mencionada anteriormente²⁰.

Em relação ao sentido de se estudar História Medieval no Brasil, vale a pena

¹⁸ WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1ª. Ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014. p. 162.

¹⁹ *Ibid.*, p. 142.

²⁰ RAGO, *op. cit.*, p. 1-2.

reunir algumas razões evocadas pelas pesquisadoras:

- Combater o preconceito contra a área;
- Trabalhar em uma área de pesquisa consolidada também no Brasil;
- Reconhecer a importância de tradições culturais e literárias que integram a nossa formação cultural;
- Analisar transformações socioculturais, identidades e a formação das línguas que falamos;
- Oferecer perspectivas renovadas de estudo e outras percepções, externas à Europa.

Em relação às parceiras e às inspirações acadêmicas, achamos importante trazer para o texto os nomes mencionados pelas entrevistadas pela necessidade de visibilizar as medievalistas. A resposta da Profa. Yara Frateschi Vieira evoca nomes que consolidaram os estudos medievais no país. Ela mesma faz parte desse grupo de investigadoras fundadoras da ABREM, formadora de quadros e autora de análises lidas por diferentes gerações de pesquisadores. Entre inspiração e parceria, a professora menciona um encontro em 1994, com as professoras Maria do Amparo Tavares Maleval e Lênia Márcia Mongelli, que teria deflagrado a ideia de fundar uma associação voltada aos estudos medievais. Além dessas colegas, outras mulheres pesquisadoras que inspiraram a professora em sua trajetória foram: as professoras Elsa Gonçalves, estudiosa da lírica galega; Cleonice Berardinelli, que foi membro da ABL e dedicou-se à Literatura Portuguesa; Lênia Márcia Mongelli, também parceira acadêmica, de longa data, com quem a Profa. Yara mantém colaboração e amizade; Ângela Vaz Leão, com seus estudos das Cantigas de Santa Maria, e a Professora Gladys Mancini, linguista. Chama a atenção a presença feminina.

A Profa. Marcella Lopes Guimarães (UFPR) aparece citada, entre parceira e inspiração, por três medievalistas mais próximas à sua geração, a saber: a Profa. Aline Dias da Silveira, a Profa. Ana Luíza Mendes e a Profa. Carmem Lúcia Druciak. No primeiro caso, entendemos que a menção se deva ao fato de as pesquisadoras integrarem o mesmo laboratório de pesquisa, o NEMED/UFPR (Núcleo de Estudos Mediterrânicos). No caso das duas outras investigadoras, acreditamos que isso se deve ao fato de que a Profa. Marcella foi orientadora de ambas na Pós-Graduação. Também a Profa. Fátima Regina Fernandes (UFPR) foi mencionada pelas três

pesquisadoras. Além de fundadora do NEMED, com o Prof. Renan Frighetto, foi professora de todas as pesquisadoras mencionadas no parágrafo.

Além das quatro perguntas gerais, cada membro discente da equipe elaborou uma ou duas questões mais específicas, levando-se em conta o perfil das pesquisadoras que responderam afirmativamente a nosso convite. Em relação às perguntas específicas, cada membro da equipe fez um destaque particular da conversa que teve. Ressaltamos, todavia, mais uma vez, que as declarações das pesquisadoras foram submetidas à sua aprovação.

- Na conversa realizada com a medievalista Profa. Dra. Aline Dias da Silveira, o pesquisador mediador da conversa ressalta que, para ela, os grupos de pesquisa são fundamentais. Ela acredita que o processo de pesquisa e de produção de conhecimento devem ser compartilhados. Segundo sua percepção, o conhecimento só cresce quando é colaborado e compartilhado, e o produto disso sempre será mais rico: “Precisamos pensar em um processo de desapego das ideias. Pela minha experiência com o grupo de pesquisa, eu percebo que uma de suas contribuições é a sua relação com o compartilhamento de ideias, as pessoas não devem ficar sozinhas. Os grupos são espaços de compartilhamento e de solidariedade onde se combate a solidão e o egoísmo, isto é fundamental para a vida” (Aline Dias da Silveira).
- Na conversa realizada com a medievalista Profa. Dra. Ana Luiza Mendes, o pesquisador mediador da conversa destaca a importância de ensinar a História Medieval no Brasil, tendo em vista que a pesquisadora é professora do Ensino Básico no Paraná. Dentro da sua resposta, a pesquisadora destaca: a habilidade de desenvolver a consciência histórica dos alunos; combater estereótipos; trabalhar mudanças e permanências em diferentes períodos; a habilidade de se localizar no mundo e analisar narrativas.
- Na conversa realizada com a medievalista Profa. Dra. Carmem Lúcia Druciak, o pesquisador mediador da conversa destaca as considerações da pesquisadora sobre a interdisciplinaridade. Para a professora, a investigação minuciosa em busca dos detalhes estruturais da narrativa nos auxilia a identificar os sujeitos dos textos literários. Para isso, é necessário “desconfiar” destas fontes, pois elas contêm diversas expressões de subjetividades dos indivíduos que as produzem. No entanto, em determinadas regiões e períodos, não se revelavam os autores explicitamente, logo, as construções dos textos nos ajudam a encontrar indícios e padrões da personalidade do autor. Para a medievalista, o texto tem um grande poder de identificar o “eu” implícito. Mas o estudo da História agregou o caráter humano à pesquisa de Carmem, assim, a agência dos indivíduos e todos os elementos a ele relacionados, agora precisavam ser levados em consideração. Desta forma, conclui a

pesquisadora, foi possível unir a sua formação em Letras com a História e, mais do que isso, encontrar um equilíbrio entre as duas áreas do conhecimento para compreender esta complexa temporalidade.

- Na conversa realizada com a mestrandia em Filosofia pela PUC-RS, Profa. Umbelina Maria Galvão de Moura, a pesquisadora mediadora da conversa destaca o final da conversa, quando a convidada falou sobre sua escolha para a área de Filosofia. Umbelina nos respondeu afirmando que “caiu de paraquedas” no mundo da Filosofia, a partir de uma crise existencial que teve aos 13 anos. Ao ler um livro de teor filosófico em casa, encontrou o que precisava, como autonomia, pensamento crítico, e uma própria redescoberta de si. Para Umbelina, a Filosofia é a sua vida, seus estudos, sua terapia e a sua profissão.
- Na conversa com a medievalista Profa. Dra. Yara Frateschi Vieira, o pesquisador mediador da conversa destaca a importância dos estudos literários e de filologia para um discente/docente de história medieval no Brasil. Segundo a investigadora, "Com uma interdisciplinaridade mais ampla, que pode acolher até mesmo, por exemplo, a análise química das tintas usadas nos códices, investigando a sua composição, podemos chegar a levantar hipóteses sobre onde e em que data teria sido copiado o *Cancioneiro da Ajuda* (veja-se, a esse respeito, o Projeto *Stemma*, da Universidade Nova de Lisboa: <https://stemma.fcsb.unl.pt/o-projeto/>). Os estudos interdisciplinares podem ajudar-nos a alcançar resultados não só mais complexos e amplos, como também mais precisos, do que um estudo fechado dentro das diversas áreas de pesquisas, sejam elas de ciências humanas, exatas ou biológicas. Todas podem participar dessa interação, com via de mão dupla, do conhecimento." (Yara Frateschi Vieira)

As conversas com as pesquisadoras ofereceram uma amostra da atuação destas profissionais nas regiões de maior concentração de grupos de pesquisa, permitindo conhecê-las melhor em suas diferentes fases da carreira acadêmica, além de indicar uma convergência de formações em diversas áreas para a medievalística. As entrevistas também revelaram espontaneamente a questão de gênero, relacionada à nossa hipótese. Contudo, as entrevistas representaram algo mais significativo, pois compreender suas trajetórias tão singulares foi uma experiência verdadeiramente enriquecedora e elementar para a compreensão de “quem são as medievalistas brasileiras”. Ou seja, trazer seus nomes, rostos e histórias de vida foi um dos pilares da nossa pesquisa. Em seguida, apresentamos respostas às demais questões, cujo processo de levantamentos quantitativos só foi concluído no final do semestre.

O que pesquisam?

O preenchimento da coluna “temas de pesquisa” da planilha, referida em “*Identificação, métodos e primeiros resultados*”, foi resultado da leitura dos textos de apresentação dos currículos *Lattes* das 325 mulheres medievalistas encontradas em nosso levantamento. Os temas a que chegamos nasceram, portanto, dessa leitura e de um esforço de síntese e debate do grupo a partir do que as pesquisadoras declararam sobre seus trabalhos. Algumas vezes, recorremos à leitura da síntese dos projetos de pesquisa para compreender melhor a trajetória das investigadoras. Então, não partimos de um levantamento de temas *a priori* consagrados, mas os extraímos da leitura prática, criando esses temas como uma interpretação do objeto de pesquisa das medievalistas brasileiras, com muitos deles dialogando entre si, com pesquisadoras fazendo parte de um ou mais temas, não sendo conjuntos necessariamente separados, mas até havendo intercessões entre os temas. Inicialmente chegamos a um número de 26 temas e, depois de muito debate, afunilamos para 18 temas. São eles:

1. Religiosidade e espiritualidade, ortodoxia, heterodoxia e suas fontes;
2. Sociedades, poderes e instituições seculares no Ocidente Latino;
3. Imaginário;
4. Gênero, corpo, sexualidade e mulheres;
5. Fontes literárias, Filologia, manuscritos e traduções;
6. Residuidades medievais em outros períodos históricos;
7. Filosofias (escolástica, falsafa...);
8. Educação – ensinar história medieval no Brasil e educação na Idade Média;
9. História da arte, da imagem, arquitetura e arqueologia;
10. Fome, crises...;
11. Circulação de gentes e de informação;
12. Conflitos e embates;
13. Medicina e ciência;
14. Humanismo e Renascimento;
15. Modas e tecidos;
16. Trabalho e alimentação;
17. Mudanças climáticas e meio ambiente;
18. Outros medievalismos.

Os temas de maior engajamento das medievalistas são, de longe, os temas um

e dois²¹. Juntos, constituem os temas clássicos da medievalística por vários motivos, dentre eles, o mais significativo talvez esteja relacionado às fontes primárias, ou seja, a grande produção de documentos oriundos da igreja e produzidos pelas cortes dos diversos reinos europeus facilita o trabalho dos pesquisadores. No primeiro caso, vale ressaltar que os membros do clero formavam o grande corpo de letrados da sociedade, estes, por sua vez, escreviam e conservavam registros da vida das casas monásticas, ordens, santos, pensamento e chancelaria. No segundo caso, destacam-se os diversos tipos de fontes produzidas pela burocracia régia e pelas grandes casas nobiliárquicas, que vão desde correspondências até canções de gesta e grandiosas crônicas gerais, régias e biográficas que auxiliam a compreender a formação dos reinos medievais e a sociabilidade neles. Além disso, como se trata de temáticas já consolidadas, muitos trabalhos de fôlego já foram produzidos e são facilmente localizáveis²², fato que possibilita a orientação de novos trabalhos e a formação de novos pesquisadores para a área.

No tema Imaginário (tema três), o assunto mais expressivo foi a morte e a forma como ela era vista e representada durante a Idade Média, levando em consideração textos, pinturas e ritos funerários. Outro subtema relevante são as visões relacionadas à religião principalmente no que diz respeito ao fim dos tempos e à salvação e danação das almas. Os mitos também aparecem de forma significativa, muitas vezes relacionados a outros assuntos dentro do tema. Outros objetos de pesquisa são relacionados aos medos e traumas dessas sociedades, assim como o imaginário político, destacando-se dentro desse assunto a visão dos povos orientais

²¹ Em números totais, a somatória das medievalistas circunscritas nestes dois grupos é de 129 mulheres, o que representa, aproximadamente, 30% de um universo de 454 pesquisadoras de todas as temáticas contempladas neste estudo. Vale salientar que os dados são brutos e que uma medievalista pode pesquisar vários assuntos e, conseqüentemente, ocupar mais de uma posição nos demais grupos.

²² Alguns nomes aparecem no próprio levantamento desta pesquisa, como por exemplo: Andreia Cristina Lopes Frazão da Silva <<http://lattes.cnpq.br/5791321365823463>> e Leila Rodrigues da Silva <<http://lattes.cnpq.br/2926937854553969>> que produziram importantes pesquisas sobre hagiografias e produção intelectual eclesiástica. Além destas, podemos citar os nomes de Vânia Leite Fróes <<http://lattes.cnpq.br/0984686980830672>>, Maria Filomena Pinto Da Costa Coelho <<http://lattes.cnpq.br/3246683197718111>>, Adriana Zierer <<http://lattes.cnpq.br/5098951451070268>> e Fatima Regina Fernandes <<http://lattes.cnpq.br/8945434766721181>>, como importantes referências para o estudo das instituições seculares latinas no período medieval.

no medievo²³. As principais fontes utilizadas pelas pesquisadoras desse tema são fontes escritas, principalmente fontes literárias, e fontes iconográficas.

No tema de número quatro, intitulado “Gênero, corpo, sexualidade e mulheres”, está concentrado um grupo que representa cerca de 21% das mulheres da nossa lista, que realizam pesquisas envolvendo a questão do gênero, comunidade LGBTQIA+, masculinidade, práticas do corpo e sexualidade. Dentro desses estudos, constataram-se análises sobre figuras femininas do medievo, além de obras literárias e sobre o comportamento social ao longo do conjunto feudal. As temáticas de literatura feminina, bruxaria e discussões contemporâneas, como o feminismo, e aprofundamentos sobre os reinos medievais, transpassados pela análise de gênero, também estão presentes.

Já no grupo intitulado “Fontes literárias, Filologia, manuscritos e traduções”, o quinto do conjunto da nossa pesquisa, reúne 24% do número total das medievalistas, que realizam estudos a partir de análises de obras literárias, como poemas, novelas de cavalaria, canções de gesta, tratados e fontes literárias religiosas, bem como análises textuais comparativas e trabalhos dentro do campo da tradução. Assim como os dois primeiros temas, ele também pode ser considerado como um dos temas clássicos da medievalidade. É importante destacar que neste grupo há uma concentração maior de medievalistas formadas ou especializadas em Letras – sendo as duas²⁴ que trabalham com Filologia dessa área – além de muitas também aparecem no grupo quatro, já que seus estudos contam com o protagonismo de mulheres do medievo, sejam como autoras²⁵ ou como parte do conjunto literário analisado. Além disso, ressalta-se que a escolha de fontes literárias por parte dessas mulheres pode ter relação com o fato de que hoje os pesquisadores e as pesquisadoras podem contar com edições fidedignas e críticas mais acessíveis que os manuscritos originais.

²³ Carmen Licia Palazzo <<http://lattes.cnpq.br/4525793766107367>>.

²⁴ As duas medievalistas que trabalham com Filologia são Risonete Batista de Souza <<http://lattes.cnpq.br/2487800567167807>> e Yara Frateschi Vieira <<http://lattes.cnpq.br/8802521304626360>>, ambas da área de Letras.

²⁵ É o caso da autora Christine de Pizan, cujo nome e obras foram apontadas de forma significativa ao longo da nossa pesquisa. Neste grupo em específico, há nove aparições no eixo temático, todas de medievalistas distintas.

O tema das residuidades (tema seis) se destaca pelo seu envolvimento com as mídias, sobretudo o cinema e a literatura, que navegam pela imaginação daqueles que consomem estes conteúdos. No entanto, as narrativas presentes em tais representações muitas vezes configuram-se em discursos de natureza política e identitária. O estudo dos usos do passado, tal como observamos a partir do trabalho das pesquisadoras identificadas, analisa e desconstrói essas narrativas. Observa-se também o trabalho de pesquisadoras que se utilizam das mídias virtuais, como redes sociais, games e grupos que interagem entre si por meio do ciberespaço. Surge aqui a oportunidade de notar desdobramentos distintos daqueles que observamos em mídias mais antigas, em função de novos estudos sobre a circulação de saberes e narrativas por meio da internet. O tema das residuidades se desdobra também em períodos outros que o contemporâneo, como a Época Moderna. É interessante ressaltar que a primeira versão da BNCC, publicada em 2015, privilegiou as histórias moderna e contemporânea do Brasil em detrimento da história antiga e medieval²⁶, em meio a diversas críticas em relação a essa medida. O tema das residuidades constitui uma fonte de resistência a essas propostas, pelo estudo de reminiscências medievais na colonização do Brasil e na formação da cultura popular brasileira.

No grupo “Filosofias”, de número sete do nosso conjunto de temas, há a presença de 5,5% das medievalistas da nossa lista, cuja temática está centralizada em questões filosóficas, que também perpassam assuntos contemporâneos²⁷, legislações e tratados medievais, e produção de material educativo voltado para as escolas brasileiras. Neste grupo, há a presença de mulheres formadas na área de Direito, outras de História e na própria Filosofia, no qual merece destaque para as análises no campo da lógica sobre filósofos medievais.

A união dos dois temas de educação – “ensinar História Medieval no Brasil e educação na Idade Média” (tema oito) – em um único grupo, pode em um primeiro

²⁶ TEIXEIRA, Igor Salomão; PEREIRA, Nilton Mullet. A Idade Média nos Curriculares: as controvérsias nos debates sobre a BNCC. *Diálogos*, v. 20, n. 3, p. 16-29, 2016. p. 20. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33538>>.

²⁷ A medievalista Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha <<http://lattes.cnpq.br/6547137274210472>> é um exemplo, cuja pesquisa está centrada dentro da Filosofia medieval, com intersecções entre o pensamento contemporâneo e feminista.

momento surpreender, mas a prática da leitura dos dados fornecidos nos *Lattes* das pesquisadoras revelou possíveis cruzamentos. Por um lado, nossa equipe percebeu trajetórias consolidadas no interesse pela História da Educação, que não raro se entrecruzam com o primeiro tema: “Religiosidade e espiritualidade, ortodoxia, heterodoxia e suas fontes”, pela autoria frequente dos clérigos. Por outro lado, encontramos pesquisadoras que, sem deixar de investigar a obra desses clérigos, pensam sobre o ensino da História Medieval nas escolas e nos livros didáticos. A recente discussão em torno das redações da BNCC (a partir de 2015) deve ser novamente referida, porque ela mobilizou medievalistas no Brasil e pode ter tido implicações na pesquisa das mulheres, justificando a importância da área na Educação Básica.

O tema de História da Arte, da Imagem, Arquitetura e Arqueologia (tema nove) é um tema amplo, com diversas fontes diferentes sendo analisadas. As medievalistas enveredaram pela arquitetura, pelas pinturas, esculturas, cerâmicas, adornos e decoração de manuscritos. Dentro do tema, os assuntos mais pesquisados são os estilos artísticos e arquitetônicos e as técnicas artísticas utilizadas pelos artistas da época, além disso também foi possível perceber um destaque dos estudos iconográficos, da arqueologia e da pesquisa a respeito da transferência cultural e circulação artística. Das pesquisadoras que estudam o tema do Humanismo e do Renascimento (tema 14), três delas também se identificam como pesquisadoras da História da Arte²⁸. Também foi possível destacar assuntos como: patrimônio, História Social da Arte, gênero, iluminuras e cultura visual em manuscritos.

As medievalistas que lidam com os temas da fome e das crises (tema dez) expressam grande interesse pelas percepções e reações de indivíduos em meio a contextos politicamente, ou ambientalmente, instáveis. Observa-se aí a oportunidade em identificar também percepções sobre o tempo, e em como estas percepções agiam nas práticas religiosas, artísticas, políticas ou vice-versa. Foram poucas as pesquisadoras identificadas, estas trabalham com as crises através de

²⁸ Jordana Eccel Schio <<http://lattes.cnpq.br/3602844717231875>>, Marina Barbosa do Rego Silva <<http://lattes.cnpq.br/3801778939889967>>, Vânia Leite Fróes <<http://lattes.cnpq.br/0984686980830672>>.

documentações específicas, como as representações da morte nas obras de Rafael Sanzio; e as crises e mortalidade na *Nuova Crônica* de Giovanni Villani²⁹. Uma outra pesquisadora, no entanto, trabalha em um projeto coletivo internacional de análise e mapeamento de crises de fome e epidemias³⁰.

O tema 11 – “Circulação de gentes e de informação” – reúne um grupo pequeno de mulheres, de apenas 2,8% das medievalistas. A maioria delas também estuda outros temas de pesquisa, como arte, crises, religiosidade, arqueologia e imaginário. Então, trata-se de um tema relacional e uma mesma investigadora pode ser encontrada pesquisando outros temas que levantamos.

O tema intitulado “Conflitos e Embates” (tema 12) também reúne um pequeno grupo de investigadoras, apenas 3,4% do total. Como as pesquisadoras do grupo têm alta titulação (das onze pesquisadoras, dez delas são ou doutoras ou doutorandas), lançamos a hipótese de uma grande especialização das pesquisas sobre esse tema.

A separação dos temas 13 e 16, quando seria mais esperado reunir medicina e alimentação na Idade Média, deve-se à forma como as pesquisas das mulheres estão sendo construídas por elas. Não que não tenhamos encontrado a relação, nós encontramos em um único caso. Por um lado, o tema da medicina aparece mais ligado às questões de gênero, doença, morte e corpo. Por outro, o tema da alimentação aparece relacionado à gestão de alimentos.

Os temas relacionados ao Humanismo e Renascimento (tema 14), que considerávamos um dos temas clássicos, não têm atraído o interesse das mulheres, pois encontramos um baixo número de medievalistas, apenas cinco. Por mais que estes assuntos estejam imbricados com o final do medievo europeu, eles concorrem com especialidades à parte, como a História da Arte ou a História Moderna.

O tema intitulado “Moda e Tecidos” (tema 15) é um dos tópicos emergentes

²⁹ As pesquisadoras que lidam com a documentação citada são, de acordo com a ordem de apresentação das documentações: Marina Barbosa do Rego Silva: <<http://lattes.cnpq.br/3801778939889967>> e Lavínia dos Anjos de Souza Cunha: <<http://lattes.cnpq.br/3600600259295186>>.

³⁰ Trata-se de Néri de Barros Almeida, que faz parte do projeto coletivo internacional intitulado de *Épidémies et Famines en Méditerranée Occidentale (Siècle VIIe - XVe)*.

que identificamos, cujo assunto pode revelar diversos aspectos sobre a vida na Idade Média, a saber: a história cotidiana; as relações de classe; a história econômica e a história religiosa. Das duas pesquisadoras que se apontam como parte do campo de pesquisa sobre moda e tecidos, uma está no mestrado e está iniciando a pesquisa nesse assunto, sendo assim não foi possível encontrar trabalhos escritos por ela sobre o tema³¹. A segunda pesquisadora possui diversos trabalhos publicados sobre esse assunto, ela pesquisa principalmente as indumentárias eclesiásticas medievais e as representações imagéticas presentes nessas vestimentas, assim como a sua permanência em outros períodos³².

As pesquisadoras medievalistas que trabalham com o emergente tema sobre o meio ambiente e as mudanças climáticas (tema 17) têm grandes vínculos com o presente em função de um mundo cada vez mais afetado por potências antrópicas, constituindo o chamado período antropoceno, este em que atualmente vivemos. Trata-se de um tema emergente em razão do número pequeno de pesquisadoras identificadas que trabalham com o tema atualmente³³. A questão da contemporaneidade que impulsiona tais estudos diz respeito à urgência que as mudanças climáticas e as crises ambientais produzem nos debates científicos. Podemos observar isto, assim como nos noticiários e publicações científicas, na preocupação de uma das pesquisadoras que identificamos, que expressou por meio do NEPAM (Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais), a importância em que “os ambientes de pesquisa precisam dar à emergência climática a posição de destaque que os fatos exigem”³⁴.

Procuramos exercitar a síntese para a definição dos temas, mas também garantir visibilidade para temas pouco estudados. O caso dos “outros medievalismos” (tema 18) despertou muito debate entre nós, porque não

³¹ Luana Alves de Azevedo <<http://lattes.cnpq.br/9500467057331057>>.

³² Rosângela Aparecida da Conceição <<http://lattes.cnpq.br/9882618757051498>>.

³³ As pesquisadoras identificadas são: Janaína Salvador Cardoso: <<http://lattes.cnpq.br/2791096973808452>> e Néri de Barros Almeida: <<http://lattes.cnpq.br/1550011196761207>>.

³⁴ ALMEIDA, Néri de Barros. O pesquisador face à mudança ecológica e à justiça ambiental. *NEPAM*, 2021. Disponível em: <<https://www.nepam.unicamp.br/o-pesquisador-face-a-mudanca-ecologica-e-a-justica-ambiental/>>.

queríamos invisibilizar investigações que fugiram do âmbito do Ocidente Latino, então subdividimos esse tema de rotulagem um pouco ampla, sempre a partir da leitura das pesquisas como suas autoras as identificaram nos textos de apresentação dos *Lattes*, para demonstrar a diversificação dos interesses dos estudos medievais brasileiros:

- 18.a: Extremo-Oriente
- 18.b: Oriente próximo
- 18.c: Europa do Norte
- 18.d: Leste europeu
- 18.e: África
- 18.f: Bizâncio

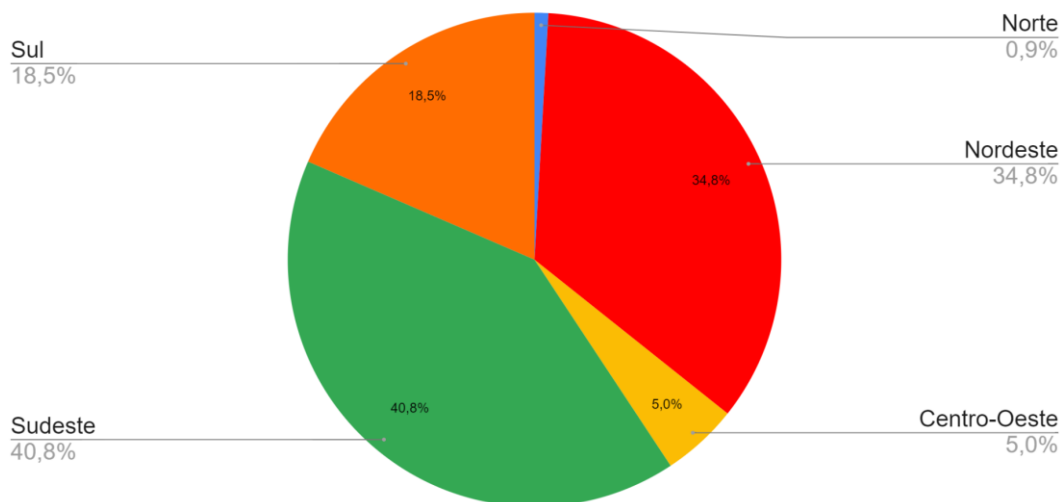
Uma observação que podemos destacar é que as pesquisadoras que trabalham com territórios mais distantes da Europa, como os do oriente próximo, extremo oriente e África, são aquelas que estão na graduação ou que se graduaram recentemente, denotando que os estudos de outros medievos, para além do território europeu, é uma demonstração dos novos interesses que as pesquisadoras buscam ao ingressarem no ambiente acadêmico, em Iniciações Científicas, mesmo que o acesso às fontes seja mais difícil.

Onde estão as medievalistas brasileiras?

A última etapa da nossa pesquisa consistiu em responder a pergunta “onde estão as nossas medievalistas?”. Para isso, utilizamos os dados da planilha. Esse levantamento ocorreu após as conversas e depois de alguns debates sobre a tópico da regionalidade das medievalistas. Decidimos considerar que o local de atuação, em pesquisa ou educação, seria o mais adequado para responder a nosso inquérito, pois constatamos que o local de formação é constantemente alterado ao longo da carreira das pesquisadoras, como veremos a seguir.

Os dados sobre onde atuam as medievalistas foram retirados da coluna “vínculo institucional” da planilha, referida em “*Identificação, métodos e primeiros resultados*”:

Medievalistas por Região do Brasil



Fonte: equipe do Laboratório 1o semestre de 2024

A partir deste gráfico, podemos observar grandes contrastes setoriais, todavia, é perceptível que a distribuição das medievalistas se aproxima da população absoluta que reside nas respectivas regiões³⁵. Dentro da região sudeste foi possível perceber que São Paulo possui a maior quantidade de grupos de pesquisa, sendo o Espírito Santo o estado do sudeste com menor quantidade, com apenas dois grupos de pesquisa. Os grupos mais antigos se encontram no Rio de Janeiro e em São Paulo, com o mais antigo deles sendo o Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da UNESP, criado em 1985, e o mais recente, o HILOS-estudos sobre orientalismo, historiografia e tradução da UNIFESP, fundado em 2022³⁶. Os grupos que agregam mais pesquisadoras também se encontram no eixo Rio-São Paulo, com destaque para o PEM (Programa de Estudos Medievais) da UFRJ e para o LEME (Laboratório de Estudos Medievais) da USP. Foram encontrados 23 grupos de pesquisa citados pelas pesquisadoras em seus Lattes, porém quatro deles não constam no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Desses, nove possuem

³⁵ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 24 out. 24.

³⁶ Como foi citado na análise a respeito dos temas estudados pelas medievalistas, o tema do Oriente próximo, assim como o Extremo-Oriente são temas emergentes dentro do estudo da Idade Média no Brasil, sendo assim o grupo de pesquisa HILOS se encaixa nesse crescente interesse por outros medievalismos que saem do estudo consolidado do Ocidente Latino.

liderança feminina. Também observamos que apenas dois deles não são da área de História³⁷. Além disso, foi possível observar que, no caso da USP, muitas pesquisadoras fazem parte de mais de um grupo dentro da própria instituição. Outro aspecto importante a ser apontado é que foi possível encontrar 21 mulheres da nossa lista que, mesmo trabalhando no sudeste, não faziam parte de nenhum grupo de pesquisa da região.

Observando o conjunto das medievalistas que se encontram na região Nordeste, conseguimos identificar também grupos agregadores de pesquisadoras, como: o Spatio Serti, da UPE; o LABHAM (Laboratório de História Antiga e Medieval) da UFPI; Nova Studio Philologica, da UFBA, e o LETHAM (Laboratório de Estudos sobre a Transmissão e História Textual da Antiguidade e Medieval), da UFBA. Percebemos a presença de interdisciplinaridade por parte das medievalistas e pesquisas voltadas para a formação docente. É importante destacar a colaboração de estudos medievais na área de Filosofia, através das medievalistas que fazem parte do NEAFI (Núcleo de estudos agostinianos e filosofia na Idade Média) da UFCA, bem como de Letras, dos grupos de Christine de Pizan, presentes na UFPB e na UFBA. No que tange os assuntos de História Medieval que são tradicionalmente estudados na historiografia, há a grande participação do Gradalis (Grupo de Estudos Medievais), da UFPB, além do NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos), da mesma universidade, que apresenta uma maior especificidade em relação à história escandinava. Por fim, nota-se que boa parte dos grupos foram criados ao longo da década de 2010, além de que, dos 23 grupos analisados, oito contam com 15 ou mais doutorados em andamento ou concluídos³⁸, e dez contam com a presença de líderes mulheres, ou que compõem a totalidade dessa liderança.

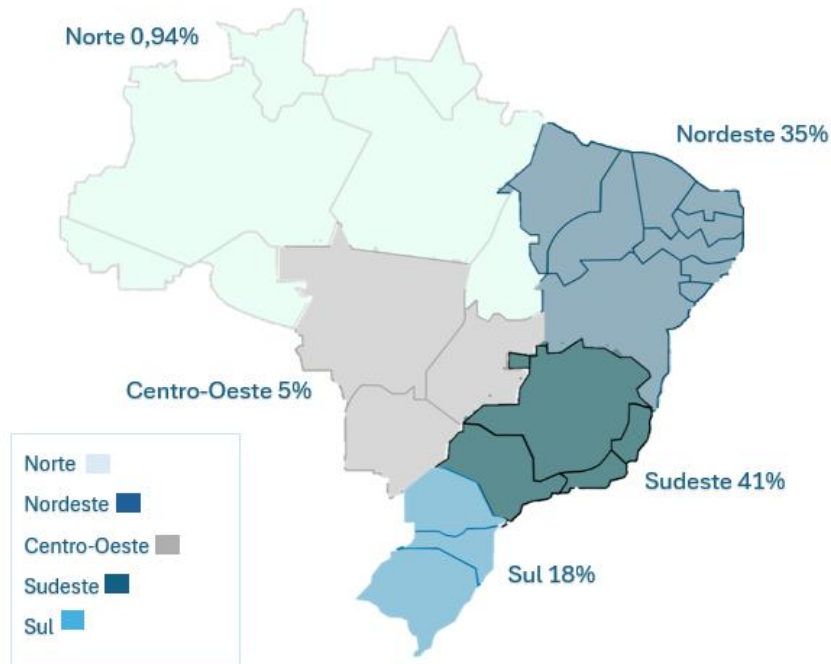
No caso das medievalistas que atuam na região do norte do Brasil, nossos

³⁷ Arte, Filosofia e Literatura na Idade Média da UFES <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8201511391806919>>; Centro de Estudos de Filosofia Patrística e Medieval de São Paulo da USP <<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/792507>>.

³⁸ Para a análise dos grupos, um dos critérios estabelecidos foi a constatação do número de doutorados presente na pesquisa de diretórios do CNPq, tendo em vista que se trata do último nível de produção e pesquisa. Assim, ao constatar que 8 grupos dos 23 pesquisados apresentam 15 ou mais doutorados (em andamento ou concluídos), indica-se a solidez desses grupos enquanto formadores de quadros.

dados nos levaram a três especialistas, a saber: Olga Pisnitchenko, Veronica Aparecida Silveira Aguiar e Soraia Batista Rodrigues. As duas primeiras têm todos seus títulos na área de História e concluíram seus doutorados na região sudeste, em Minas Gerais e São Paulo, respectivamente. Entretanto, Soraia Rodrigues possui um currículo de formação plural: graduou-se em Filosofia na UFAC, é mestre em Teologia pela FAJE e doutora em Educação pela PUC-PR. Assim, podemos observar que, ao menos na área de História, a região sudeste se mostrou como um importante centro formador de especialistas em História Medieval, as quais ocupam postos em instituições do ensino superior na região norte. Outro dado interessante a respeito desta região é o fato de existir o Grupo de Estudos e Pesquisas em História Antiga e Medieval (GEPHAM) localizado na Universidade Federal de Roraima, porém, apenas três mulheres participam do referido grupo, composto por quatorze pessoas. Ademais, a única mulher que continua sua pesquisa na área é, justamente, Olga Pisnitchenko, que também coordena o GEPHAM.

MAPA POR REGIÃO DAS MEDIEVALISTAS BRASILEIRAS



Fonte: equipe do Laboratório 1o semestre de 2024 (Mapa original: Pixabay, 2012.
Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/vectors/brasil-mapa-am%C3%A9rica-do-sul-estados-23553/>>. Acesso em: 20 jul. 2024).

Conclusão

A pesquisa coletiva “Quem são as medievalistas brasileiras? Uma experiência de pesquisa em bases de dados públicos e conversas direcionadas” foi realizada ao longo do primeiro semestre do ano de 2024 e se estendeu até o final de julho do mesmo ano. Portanto, entre o levantamento de dados e a publicação dos resultados (mais de um ano), levando-se em conta um campo tão dinâmico quanto os estudos medievais, acreditamos que alterações podem já se manifestar. Foi administrada em um Laboratório de pesquisa de História Medieval por uma equipe que teve uma professora doutora medievalista como responsável. A investigação foi atravessada por uma greve de professores que inviabilizou o encontro presencial dos membros do laboratório durante semanas no espaço físico em que ele funciona. Assim, algumas atividades prosseguiram à distância e outras só foram retomadas depois do encerramento da greve.

Por medievalistas, compreendemos pessoas identificadas por elas mesmas em seus currículos *Lattes* com um nome social e culturalmente usado por mulheres, docentes e discentes que integram grupos de pesquisa cadastrados no CNPq na área de Estudos Medievais (a partir da pesquisa com as três expressões-chave: “Idade Média”, “História Medieval” e “Estudos Medievais”), que relacionam a sua pesquisa individual à área – quer atuem em História, quer atuem em Letras, Filosofia ou História da Arte – e que estão associadas à ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais). Mas é preciso destacar que, para chegar ao número final de medievalistas brasileiras, não aplicamos esses três critérios conjuntamente, o mais importante foi sem dúvida a pesquisa individual na área. Assim, chegamos a um total de 325 mulheres que hoje pesquisam Idade Média no Brasil.

Por que a relação da pesquisa individual foi mais importante que a vinculação, por exemplo, a um grupo de pesquisa do CNPq? Em primeiro lugar, observamos que parcerias ocasionais, ou de longa data, ou mesmo afetivas, muitas vezes incluíram nos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq mulheres que não pesquisam ou que não pesquisam mais Idade Média. Como não tivemos acesso às vozes das mulheres em uma pesquisa quantitativa, os dados obtidos do CNPq, da plataforma *Lattes* e da ABREM tiveram de ser submetidos a um constante reexame.

O texto de abertura dos *Lattes* e os projetos de pesquisa revelaram-se mais precisos para a definição da medievalista. Mas isso só para o caso das pesquisadoras cujos *Lattes* estavam atualizados. Em segundo lugar, constatamos que, mesmo grupos de pesquisa atualizados e certificados pelo CNPq como atualizados, não estavam nessa condição. Um dos aspectos mais complicados foi a identificação dos egressos e egressas de um grupo de pesquisa.

Ouvir as pesquisadoras e o presidente da ABREM foi essencial. Os convites que realizamos e a adesão espontânea das pesquisadoras nos permitiram conhecer as suas motivações para a pesquisa, suas dificuldades, projetos, seu trabalho e expectativas diretamente. Foi dar rosto à História³⁹ e agradecemos muito a elas e a ele. Devem ser nomeadas e nomeado mais uma vez: Aline Dias da Silveira; Ana Luiza Mendes; Carmem Lúcia Druciak; Umbelina Maria Galvão de Moura; Yara Frateschi Vieira e Geraldo Augusto Fernandes. Elas falaram sobre os enfrentamentos de quando começaram a pesquisa, o contexto brasileiro, o machismo, a formação, a falta de mulheres em determinadas áreas; elas manifestaram sua paixão, sua rede de colaboração, evidenciando a importância do trabalho que realizam em grupo.

Duas delas trouxeram as questões de gênero ao debate diretamente e isso nos levou a pensar de maneira mais profunda sobre a relação entre as mulheres, a ciência e a universidade. Se também no campo interdisciplinar dos estudos medievais, o preconceito e a exclusão se revelaram nos círculos historiográficos profissionais, é preciso reconhecer, todavia, um dado: a ABREM foi fundada por mulheres e elas formaram muitos quadros, entre mulheres e homens. A medievalística brasileira tem uma forte presença de mulheres líderes de pesquisa, muito produtivas, desbravadoras, que pesquisam temas clássicos, mas que se abrem a outros desafios investigativos. Hoje, a participação das mulheres na associação é bastante equilibrada quanto se leva em conta a participação masculina. Tudo isso significa que não há mais desafios para as mulheres medievalistas? Será que elas não

³⁹ “A História se fartou de não ter rosto nem gosto”, a citação do medievalista Bernard Guénée tem relevância aqui porque ele se refere à biografia. Nós também exploramos parte da biografia dessas pesquisadoras. GUÉNÉE, Bernard. *Entre l'Église et l'État. Quatre vies de prélas français à la fin du Moyen Âge (XIII^e-XV^e)*. Paris: Gallimard, 1987. p. 13. A citação e a referência foram lidas em DOSSE, François. *O desafio biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: EdUSP, 2009. p. 17.

são mais filhas infiéis de Virginia Woolf? Nada disso. Os desafios do fazer científico adentram os estudos medievais como desafios estruturais nos círculos historiográficos profissionais, aos quais se inclui o preconceito contra a área até muito recentemente. É preciso ainda apontar que a própria ABREM ainda não conseguiu incluir todas as pesquisadoras voltadas aos estudos medievais. Eis um desafio para a associação.

A elaboração da planilha que foi até o fim da pesquisa constantemente reexaminada foi o mais longo, complexo e importante trabalho de levantamento de dados que realizamos. Esse trabalho foi completamente presencial, realizado duas vezes por semana, ao longo de três horas a cada dia, por toda a equipe. Só pôde ser realizado depois do período de encerramento da greve de professores, pois exigiu conferência detida dos dados sempre por pelo menos uma dupla de investigadores para cada quesito. Essa planilha fundamentou nossa análise e a confecção dos quadros de “Onde estão as medievalistas brasileiras?” e o levantamento de temas de pesquisa das medievalistas brasileiras. O instrumento compreende um esforço coletivo de reunião de elementos dispersos e às vezes contraditórios, que pode alimentar outras investigações. A planilha hoje está de posse exclusiva dos membros da equipe que assina esse artigo, mas pode ser futuramente publicada ou mesmo compartilhada com outras equipes para pesquisas futuras, assim como a nossa proposta de criação de um formulário para a identificação das medievalistas brasileiras poderia ser uma sugestão, como uma base de dados, para futuros estudos com mesma intenção deste trabalho e com uma maior viabilidade de tempo para a realização das etapas necessárias para realização do relatório. Manifestamos aqui nossa disposição de partilhar os instrumentos com outras equipes.

Sobre os dezoito temas levantados por nós, fazemos alguns destaques. As medievalistas brasileiras têm se dedicado a temas clássicos da nossa medievalística, como os temas um, dois e cinco: 1) Religiosidade e espiritualidade, ortodoxia, heterodoxia e suas fontes, 2) Sociedades, poderes e instituições seculares no Ocidente Latino e 5) Fontes literárias, Filologia, manuscritos e traduções, mas têm sabido diversificar grandemente seus interesses, vinculando sua pesquisa à sua atuação como cidadãos e líderes científicas. A medievalística brasileira sabe

continuar a dinamizar os temas mais tradicionais e sabe olhar à sua volta, elaborando novas questões.

Os quadros do subitem “Onde estão as medievalistas brasileiras?” revelam onde estão os centros formadores de medievalistas, onde estão os grupos de pesquisa cadastrados no CNPq e onde se localizam as instituições com mais pesquisadoras em exercício, mas revela também o desequilíbrio da pesquisa na área no país. Há grandes regiões com poucas especialistas. Uma estratégia a ser explorada no futuro pode ser ouvir essas pesquisadoras e conhecer seus principais desafios em centros em que elas são as únicas especialistas na área. O que fazer para amenizar talvez a sua sobrecarga de trabalho? Como é o acervo das bibliotecas? A Iniciação Científica pode ser mais explorada nessas instituições? Essas são algumas perguntas que nos fizemos e que podem ser propostas às mulheres que estão à frente dessas regiões menos densas em grupos.

Ao fim e ao cabo, concluímos que as medievalistas são mulheres formadas nas áreas de História, Letras e Filosofia, estão atuando, majoritariamente, na região sudeste e nordeste em contraste com as regiões Centro-Oeste e Norte, costumam pesquisar principalmente temas ligados à religião, instituições seculares e sociedade no contexto europeu e questões ligadas às fontes literárias. Todavia e, para além destas respostas objetivas, nosso trabalho revelou a grande participação e liderança das mulheres nos grupos de pesquisa medievais, bem como novas frentes de investigação em temas não hegemônicos, caso designado por nós como: "outros medievalismos".

Além da apuração de milhares de informações sobre as medievalistas, tivemos a oportunidade de descrever quem são estas mulheres, por meio das conversas, que conferiram um caráter qualitativo à pesquisa, uma vez que pudemos notar diversas questões transversais que influenciaram a carreira destas pesquisadoras, como foram os frequentes os casos de misoginia que atravessaram a história destas mulheres.

Pensando nos benefícios da investigação para cada membro da equipe, de forma sintética, destacamos: a descoberta de uma diversidade de temas abarcados pelos estudos medievais, o que nos permitiu construir um balanço da área; o

desequilíbrio entre regiões espelha de certa forma o desequilíbrio dos Programas de Pós-Graduação em História no Brasil; a potência dos estudos medievais no nordeste brasileiro; a relevância dos grupos de estudo; a ética da formação do conhecimento em grupo; a interdisciplinaridade dos estudos medievais como uma essência do campo e não só por entre a área de humanas (a Profa. Yara mencionou um trabalho com a Química). Em todo o processo de investigação, o laboratório nos permitiu construir instrumentos, dados, fatos científicos dentro da área da História, com um aporte da Antropologia das Ciências, a partir do estudo da obra de Bruno Latour. Essa investigação nos permitiu avaliar, por fim, a importância dos dados quantitativos para a História. Nossa equipe vivenciou o laboratório como um espaço para muito além do espaço físico em que analisamos dados. Um exercício de pesquisa coletivo voltado a um coletivo cheio de singularidades e riqueza: o das medievalistas brasileiras.

Artigo recebido em 24/10/2024.

Artigo aceito em 15/10/2025.